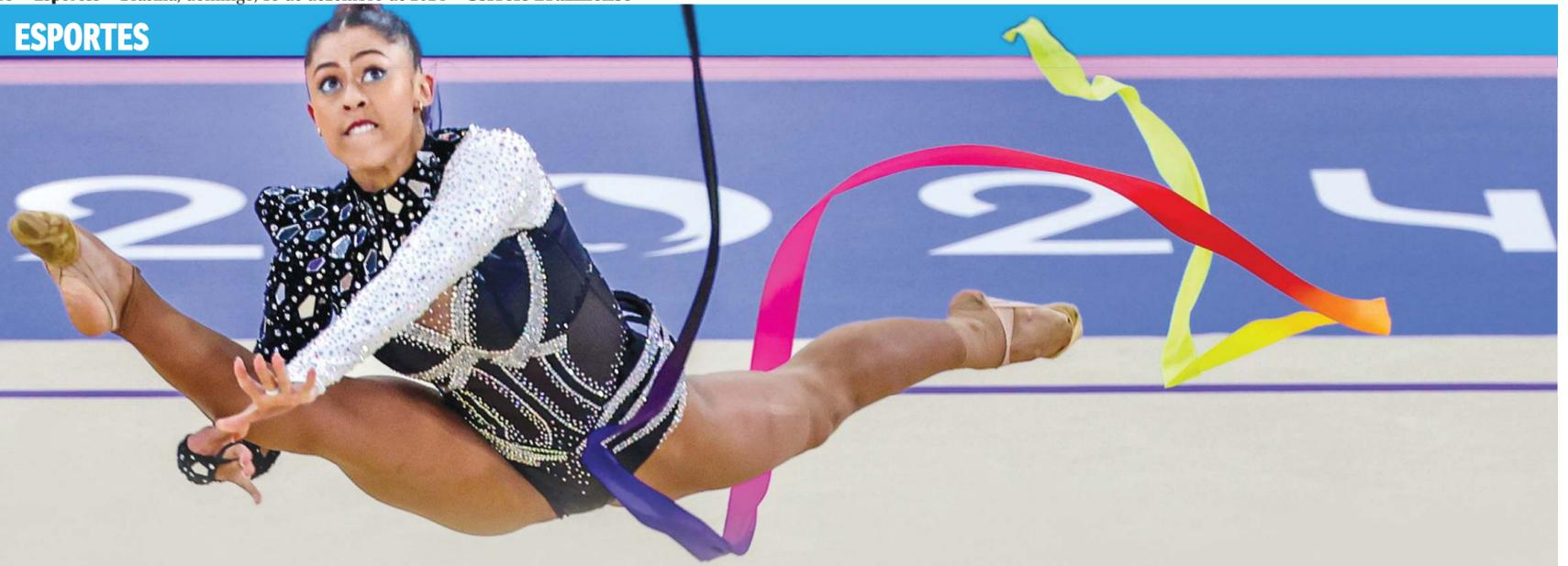


ESPORTES



GINÁSTICA RÍTMICA Estreante em Paris-2024 e dona do melhor resultado do Brasil em Jogos Olímpicos, a paranaense reflete sobre 2024, vê sonhos realizados e fala sobre o Campeonato Mundial de 2025 no Rio, o primeiro na América do Sul

O ano do voo de Babi

Fotos: Abelardo Mendes Jr/CB/D.A. Press

VICTOR PARRINI
Enviado especial

Rio de Janeiro — A ginástica do Brasil vai muito além de Rebeca Andrade. Enquanto a modalidade artística segue como especialidade da casa e vibra com as conquistas da maior medalhista olímpica do país, com seis, a rítmica comemora a evolução no compasso de uma paranaense. Aos 24 anos, Bárbara Domingos, a Babi, é a protagonista dos melhores resultados nos principais eventos. Um dos mais especiais, obtido quatro meses atrás.

Babi estreou em Jogos Olímpicos na edição de Paris-2024. Foi 10ª colocada na prova individual geral. Mas nem tudo é sobre medalha. Na Cidade Luz, a curitibana brilhou ao se tornar a primeira brasileira a disputar uma final do evento mais nobre do calendário. Questionada pelo **Correio** sobre qual palavra escolheria para definir o ano, não titubeou: “Sonho”. Inspirada por Daiane dos Santos, a menina que ensaiou os primeiros movimentos em uma praça da capital paranaense esbanja felicidade. Na quarta-feira, recebeu o prêmio do Comitê Olímpico do Brasil (COB) de melhor atleta da ginástica rítmica no Prêmio Brasil Olímpico, em cerimônia de gala no Rio de Janeiro.

“Eu diria que foi um sonho realizado. Sabei melhor do que eu imaginava, nem nos meus melhores sonhos eu imaginaria algo da forma que foi, foi com muita emoção. Foi um ano de grandes sonhos realizados, principalmente por terminar entre as 10 melhores da Olimpíada. Estar em uma Olimpíada foi algo surreal, com o qual eu sempre sonhei”, ressalta.

A curitibana é a personificação do legado das grandes competições no Brasil. O desejo de se tornar ginasta surgiu durante os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007. A ambição se materializou com medalhas.



Babi Domingos se despediu dos Jogos de Paris-2024 com o sentimento de dever cumprido pela ginástica rítmica brasileira

Em 2019, competiu no Pan de Lima e conquistou a prata na disputa de fita. Babi estava pronta para a Olimpíada de Tóquio. No entanto, uma lesão no quadril a deixou fora por cinco meses em 2020. Com o adiamento do megavento para o ano seguinte devido à pandemia, a classificação foi alterada e o sonho frustrado.

Não bastasse a decepção por ter ficado de fora da disputa no Japão, lidou com novo drama no quadril e precisou de cirurgia. A recuperação levou seis meses. Foi aí que Babi mostrou que há males que vêm para o bem. Os anos seguintes foram os melhores da carreira. Em 2023, levou três ouros e duas pratas no Pan de Santiago e se tornou a mais vitoriosa naquela

edição. Até então, o Brasil jamais havia sido campeão pan-americano na ginástica rítmica.

Aos 24 anos, Babi almeja mais no esporte. O maior compromisso do ciclo é a Olimpíada de Los Angeles-2028. No entanto, há um longo caminho a ser trilhado por ela até lá. Fato é que está mais rodada e poderá tirar do papel o projeto do Brasil de conquistar a primeira medalha olímpica na ginástica rítmica. Há uma inspiração que vem de Brasília. Recentemente, o talento de Sobradinho Caio Bonfim abriu a porteira da marcha atlética com a prata aos pés da Torre Eiffel.

“Ganhamos uma experiência diferente quando vamos para uma Olimpíada. Projetar a próxima é meio difícil

de dizer, porque no esporte nunca sabemos o dia de amanhã. Vamos estar trabalhando e, se Deus quiser, se for da vontade d’Ele, quem sabe”, pondera.

Um dos “ensaios” mais importantes de Babi para Los Angeles-2028 será no Brasil. O maior compromisso do próximo ano para ela e a delegação é o Campeonato Mundial no Rio de Janeiro, de 20 a 24 de agosto. Será a primeira vez que o torneio desembarcará na América do Sul. “Foi muito importante ter trazido o Mundial para cá. Será um evento lindo, é a realização de um grande sonho competir um Mundial em casa”, destaca.

Babi torce para que a ginástica rítmica siga os passos da artística. Para ela, o “efeito Rebeca” é benéfico.

» Como funciona a modalidade?

A ginástica rítmica é uma modalidade exclusivamente feminina e utiliza cinco aparelhos durante as apresentações: arco, bola, fita, maças e corda em um tablado, realizando movimentos corporais harmoniosos e sincronizados ao som de músicas previamente escolhidas. Porém, nos Jogos Olímpicos e em quase todas as competições adultas, apenas os quatro primeiros são utilizados. Nas provas por equipes, há rotinas com apenas um objeto e outras com dois deles misturados. No individual, as atletas competem com apenas um por exibição. A entrada no programa olímpico foi em Los Angeles-1984, com o nome de ginástica rítmica desportiva. Em 2000m, passou a se chamar oficialmente apenas ginástica rítmica.

“Como é tudo ginástica, isso ajuda a ter visibilidade tanto para elas quanto para a rítmica. Foi, sim, muito importante (o desempenho das colegas em Paris).” Ela não é próxima de Rebeca Andrade, mas admira. Porém, tem uma amiga que também vive a ascensão da modalidade. “Sou do Paraná, conheço mais a Julinha, Julia Soares, que treina no Ginásio ao lado. A Rebeca, não tenho muito contato porque ela está no Rio. Sempre estou vendo a Ju”, compartilha. Julia Soares estreou em Olimpíadas com a exibição em Paris. Foi bronze por equipes e finalista na trave.

O repórter viajou a convite do Comitê Olímpico do Brasil (COB)

ARIMATEIA

Torneio de futsal mais tradicional do DF começa no Taguaparque

ARTHUR RIBEIRO*

Fim de ano no Distrito Federal é sinal de bola rolando e muita emoção no Torneio Arimateia de Futsal. Tradição na capital desde 1979, quando tudo começou valendo uma garrafa de refrigerante e dois pães com mortadela, o evento retorna para a 42ª edição a partir de hoje, reunindo mais de 2 mil atletas em 11 categorias para 22 dias de esporte até as finais, no primeiro domingo do ano (5/1), como de costume. O palco da vez será novamente a arena montada no Taguaparque, em Taguatinga, com expectativa de receber 150 mil em 22 dias.

A abertura oficial para começar os trabalhos será às 16h. Atual campeão da principal, o Vila Dimas dará a largada na campanha pelo bi contra o Bayern. Os

gols vão começar a sair mais cedo, a partir das 9h, para as categorias baixas. O motivo de colocar a garrafa para jogar durante a manhã é fugir da chuva. As partidas vão até a 0h, também com as classes de veteranos e o feminino.

“Faça sol ou faça chuva, a bola sempre rola no Torneio Arimateia. Que essa edição seja novamente um sucesso e a gente passe nossa mensagem de feliz fim de ano para as pessoas. É um dos maiores eventos da América Latina, e digo isso porque não existe em nenhum lugar o futsal realizado no asfalto e que acontece mesmo debaixo d’água”, celebra José de Lima Téia, o Arimateia, idealizador e organizador do campeonato.

“Serão quase 150 equipes inscritas, mais de 2 mil atletas, jogadores que jogaram na Europa e vieram para cá. Aumentei dois

@Lucasfigueiros



Campeão do torneio principal no ano passado, o Vila Dimas defende o título

degraus na arquibancada para vir ainda mais gente. Temos um piso novo para a quadra, então, com a bênção de Deus e Nossa Senhora de Aparecida, que eles me deem forças para que tudo ocorra direitinho. Faço hemodiálise duas vezes por semana, está pesado para mim, mas queremos continuar fazendo essa festa e convidando todo o público de Brasília, não só de

Taguatinga, para comparecer e vir ser feliz”, convoca Arimateia.

A edição passada, em 2023, marcou o retorno do torneio após a pandemia. Arimateia dedicou o campeonato aos amigos que, infelizmente, não puderam estar ali para acompanhar a retomada. Neste ano, o pensamento é por outro “irmão do peito” que faleceu antes de poder ver a nova

festa no Taguaparque. “Meu grande amigo, Raimundo Nonato, o primeiro árbitro do Arimateia, nos deixou há pouco mais de duas semanas. Ele era uma pessoa muito especial, o responsável por conseguir os melhores árbitros para apitar nossas partidas. O sentimento é todo por ele.”

Campeão na área

O Vila Dimas vem com tudo para brigar pelo bicampeonato. Uma das equipes mais tradicionais do torneio, ao lado dos famosos Creyssons e Juventus, o time mira alto. “Nossa estrutura é na humildade, a gente corre atrás de alguns atletas, até profissionais, que já jogaram com a gente e topam vir fazer parte. Existe uma pressão maior por ser o atual campeão. O primeiro passo é classificar, porque pegamos uma chave difícil, mas vamos atrás de levantar o troféu novamente”, conta Thiago Magalhães, presidente, técnico e atleta do Vila Dimas em outras categorias.

“O Torneio Arimateia é, para todo mundo de Brasília,

seja profissional ou amador, o campeonato que todo mundo espera. É um evento muito importante e que significa muito. Então vamos nessa estrutura, crescendo e contando muito com a nossa torcida, que é muito empolgada e vai fazer uma linda festa”, acrescenta Thiago.

Tradição

Muito antes de chegar à 42ª edição, tudo começou na rua de casa, quando José de Lima Téia, o Arimateia, organizou um campeonato com a ajuda dos pais. Quatro times competiam pelo prêmio de dois pães com mortadela e uma garrafa de refrigerante. O vice ficava com um pão e um copo da bebida. Os uniformes eram panos pintados e as traves eram feitas com duas pedras. O importante era a diversão. A quantidade de participantes foi dobrando e o campeonato reunirá mais de 120 equipes no Taguaparque, a casa do evento há 14 anos.

* Estagiário sob a supervisão de Marcos Paulo Lima